

---

## A política como jogo: o enquadramento de imagens no impeachment de Dilma Rousseff no jornal Folha de São Paulo<sup>1</sup>

Cássio Santos Santana<sup>2</sup>  
Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA

**Resumo:** Os textos ocupam lugar de destaque nas pesquisas de enquadramento, enquanto que o papel da fotografia ainda não foi estudado a fundo. Como dispositivo de enquadramento, há indícios de que a fotografia tem impacto significativo na avaliação de uma matéria. Em um contexto de intensa disputa política, enquadramentos, em seu sentido lato, tanto podem ampliar os horizontes de questões e eventos políticos quanto podem limitá-los a simples contenda entre partidos. Em cobertura política, predomina o que se convencionou chamar de “enquadramento de jogos”, em que a política é tratada como simples competição. A partir destes dois pontos, este artigo examina a relação do enquadramento de imagens do processo de impeachment da então presidente Dilma Rousseff, período de tramitação na Câmara, e os enquadramentos de jogos. A conclusão é que o enquadramento de imagens dominante, nesta fase do processo de impeachment, foi o enquadramento de jogos. Os resultados são discutidos em relação às características técnicas das fotografias.

**Palavras-chave:** enquadramento; enquadramento de imagens; enquadramento de jogos; impeachment; Dilma Rousseff.

Pouco se escreveu ou se sabe sobre o papel desempenhado pelas imagens na teoria do enquadramento. Em uma rápida revisão de literatura, constata-se que as pesquisas deram atenção, quase exclusivamente, a aspectos textuais das mensagens. Estudos voltados para o papel da imagem em enquadramento são raros e permanecem ainda hoje à margem na teoria. Não obstante, há fortes indícios de que a imagem, enquanto dispositivo de enquadramento, tem forte impacto na avaliação de uma matéria, de modo que a presença de uma fotografia pode alterar significativamente a atitude de leitores em relação ao que é retratado.

Nos últimos anos, o número de trabalhos relativos à imagem, tanto no que diz respeito à teoria do enquadramento quanto na relação das imagens e o jornalismo, tem aumentado exponencialmente (Cope *et al.*, 2005; Gamson *et al.*, 1992; Graber, 1987; Ilan, 2017; Mitchell, 1986; Odoemelam, Ebeze e Okwudior, 2015; Powell *et al.*, 2015; Rizzotto, Prudencio e Sampaio, 2017; Rodriguez e Dimitrova, 2011). Estes trabalhos, *mutatis mutandis*, além de ressaltarem a importância da imagem enquanto

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na DT 1 – Jornalismo do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 5 a 7 de julho de 2018

<sup>2</sup> Estudante de mestrado do Programa de Comunicação e Cultura Contemporâneas (PósCom) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: cassiosantana@gmail.com

objeto de estudo, buscam, sobretudo, ampliar horizontes teórico-metodológicos neste domínio ainda pouco explorado.

Em um contexto de intensa disputa política, enquadramentos, em seu sentido lato, podem ampliar os horizontes de questões e eventos políticos, ao mesmo tempo em que, por outro lado, podem limitá-los a simples contenda entre partidos. Estudos revelaram que, em termos de cobertura política, predomina o que pesquisadores chamaram de enquadramento de jogos (*game frame*), cujo ângulo de análise trata da política em termos de jogos, com ganhos e perdas, vencedores e derrotados, performances e estratégia políticas (Dimitrova e Kostadinova, 2013; Iyengar, Norpoth e Hahn, 2015; Jackson, 2011; Lawrence, 2000; Pedersen, 2012; Schmuck *et al.*, 2017; De Vreese, 2004).

Com raízes que remetem às coberturas das eleições presidenciais dos Estados Unidos, o enquadramento de jogos foi identificado, principalmente, em análises de coberturas televisivas e de jornais impressos. O resultado, a princípio, é que o enquadramento de jogo fomenta um debate raso da política, oferecendo aos cidadãos uma compreensão rasteira e distorcida das principais questões e candidatos políticos. Ademais, o enquadramento de jogos tende a criar um cenário de desconfiança e cinismo em relação à política por partes dos cidadãos (De Vreese, 2004)

Se não se sabe, a fundo, o papel das imagens na teoria do enquadramento, tampouco se conhece a relação dos enquadramentos de jogos e imagens. No mais, a literatura de enquadramento de imagens, além de escassa, e por conta da marginalidade a que lhe foi outorgada na teoria, não possui alicerces conceituais e metodológicos sólidos. O que existem são metodologias e abordagens esparsas e mal distribuídas que, a mais das vezes, prejudicam mais do que ajudam (Rodríguez e Dimitrova, 2011). Por outro lado, há um movimento nos estudos de enquadramento de imagens, sejam com análises textuais e visuais, sejam com estudos apenas com fotografias, em busca de uma maior compreensão do papel da imagem no processo de enquadramento.

Na esteira deste movimento, este artigo busca se somar aos esforços de se compreender qual o papel desempenhado pelas imagens no processo de enquadramento. Com uma análise sobre a cobertura do impeachment da então presidente Dilma Rousseff, no período de discussão na Câmara de Deputados (de 17 de março a 18 de abril de 2016), examina-se quais foram os enquadramentos, a partir das imagens, construídos pelo jornal Folha de São Paulo.

## Enquadramento

Goffman (1974), em *Frame Analysis*, trabalho seminal da *Framing Theory*, definiu enquadramento como o processo pelo qual as pessoas classificam, organizam e interpretam ativamente suas experiências de vida, dando-lhes sentido. Goffman chamou os esquemas (*schemata*) de interpretação construídos pelas pessoas de quadros (*frames*), cuja operação permite aos indivíduos localizarem, perceberem, identificarem e rotularem eventos e informações.

Em trânsito ao campo da comunicação, Entman (1993) denominou enquadramento (*framing*) como uma “seleção de alguns aspectos de uma realidade percebida de modo a torná-los mais destacados em um texto comunicacional” (Entman, 1993, p.52), promovendo, neste movimento, a definição de um problema particular, interpretação causal, avaliação moral, recomendação de tratamento e soluções para a notícia descrita (Chong e Druckman, 2007; Druckman, 2001a; b, Entman, 1991, 1993; Peng, 2008)

Gitlin (1980), alargando a aplicação de enquadramento para o campo da comunicação, define enquadramento como uma seleção, ênfase e/ou exclusão. De acordo com Gamson e Modigliani (1989), um enquadramento noticioso é a “ideia central organizadora que oferece sentido a um evento [...], a essência de um tema” (Gamson e Modigliani, 1989, p.143). O enquadramento seria, então, um dispositivo sempre presente em um texto, cuja função seria direcionar ou propor caminhos interpretativos.

Portanto, enquanto proposição teórica, a teoria do enquadramento sugere que a apresentação de um evento noticioso nos meios de comunicação pode sistematicamente direcionar a compreensão do público deste mesmo evento (Rodriguez e Dimitrova, 2011; Scheufele, 1999). As notícias retratam determinado tema se valendo de um número limitado de caminhos interpretativos, ao mesmo tempo em que outros são ignorados. Um enquadramento, então, “constroi uma realidade possível dentre um universo de possibilidades de interpretação” (Tewksbury *et al.*, 2000, p. 804)

Deste modo, propomos nossa primeira questão de pesquisa:

**QP01:** Quais são os enquadramentos predominantes de imagens do impeachment da então presidente Dilma Rousseff no jornal Folha de São Paulo?

---

## Enquadramento político como jogo

Ao analisar coberturas de acontecimentos e eventos políticos, pesquisadores encontraram um padrão de enquadramento no mínimo peculiar: as coberturas, ao tratar de temas, atores e eventos políticos, relatavam-nos como jogos, em termos de ganhos e perdas, vencedores e derrotados, performances e estratégias políticas (Dimitrova e Kostadinova, 2013; Iyengar, Norpoth e Hahn, 2015; Lawrence, 2000; Pedersen, 2012; Schmuck *et al.*, 2017; Shehata, 2014; De Vreese, 2004). Schmuck e colegas (2017) chamaram este tipo de enquadramento de enquadramento estratégico de jogos (*the strategic game frame*), que inclui duas dimensões: (1) os enquadramentos de jogos resumem questões e eventos políticos em termos de vencedores e perdedores, como uma competição, em que performances de candidatos em pesquisas ou grupo de eleitores são ressaltadas em detrimento de outras questões; (2) o enquadramento estratégico examina ou questiona atos políticos, buscando as “reais” motivações dos partidos e políticos.

Patterson (1994 *apud* Lawrence 2000) usou o termo “esquema de jogo” (*game schema*), cujo enquadramento dominante é estruturado em torno da noção de que a política é um jogo ou competição estratégica, em que candidatos e partidos competem por vantagem política. Os eleitores, de acordo com Patterson, são colocados como expectadores de uma espécie de jogo. De Vreese (2004) chamou corrida de cavalo (*horserace*) a estratégia pela qual jornalistas retratam eleições em termos de personalidades dos candidatos, foco em embates entre partidos, candidatos ou eleitores e a presença constante, nos noticiários, de pesquisas de opiniões, em detrimento de informações substantivas sobre questões políticas e propostas de governo.

Em uma contribuição seminal, Cappella e Jamienson (1997) estabeleceram, a partir de experiências, uma relação causal entre exposição a quadros de jogos - o que ele chamou de cobertura estratégica (*strategic coverage*) - e aumento de cinismo por parte dos cidadãos em relação à política. “A cobertura estratégica não é apenas um aspecto da cobertura política por parte da mídia, mas está se tornando seu modo dominante.” (Cappella e Jamienson, 1997, p.36). Em linhas gerais, de acordo com estes autores, os enquadramentos de jogos podem ser resumidos a partir de características como: (1) ganhos e perdas como pontos mais importantes na cobertura; (2) linguagem de “guerra”, jogos e competição; (3) matérias com artistas, críticos e eleitores; (4) centralidade de

---

performances, estilo e percepção de candidatos e (5) atenção a pesquisas de opiniões e a colocação dos candidatos nelas.

Perguntamo-nos se os enquadramentos de jogos também estão presentes nas imagens da cobertura do impeachment de Dilma Rousseff no jornal Folha de São Paulo. Logo, formulamos nossa segunda questão de pesquisa:

**QP02:** O enquadramento de jogos está presente nas imagens do impeachment de Dilma Rousseff na cobertura do jornal Folha de São Paulo? Se sim, de que maneira?

As respostas para a existência dos quadros de jogos na mídia são diversas. Segundo Dimitrova e Kostadinova (2013), os enquadramentos de jogos não estão presentes, pelo menos de modo massivo, em todos os países, de modo que determinados sistemas políticos e de mídia favorecem a construção de quadros de jogos. Ao analisar coberturas políticas na Bulgária, as autoras defenderam que a passagem de uma mídia fortemente controlada pelo governo, de matriz comunista, para uma mídia empresarial, bem como a constituição de uma sociedade aos moldes liberais, favoreceu o surgimento dos enquadramentos de jogos neste país.

De acordo com Lawrence (2000), os enquadramentos de jogos prosperam hoje porque este tipo de enquadramento se encaixa nos critérios de notícias estabelecidos nos meios de comunicação. A personalização e a busca pelo conflito são marcas do jornalismo contemporâneo, especialmente em ambientes competitivos, pautado pelo tempo cronometrado e por restrições organizacionais muito claras. “O enquadramento de jogos reflete a busca do drama e do conflito pelo jornalismo, colocando atores e eventos políticos dentro de uma estrutura simples, em um conflito de dois lados” (Lawrence, 2000, p.95)

Iyengar e colegas (2015) explicaram a tendência de eleições serem enquadradas como jogos a partir de três fatores: (1) duração das campanhas políticas modernas; (2) conflitos internos entre jornalistas e assessores políticos e (3) pressões do mercado, como as demandas e características próprias da profissão jornalística. Ao mesmo tempo, tratar a política como jogo, competição ou esporte permite aos jornalistas manterem uma aparência de objetividade e neutralidade. “Ao dar atenção a aspectos “técnicos” do jogo político, jornalistas tentam evitar parecer estar de um dos lados” (Lawrence, 2000, p.95). Ademais, os enquadramentos de jogos oferecem aos repórteres mais celeridade na construção de matérias, um traço cada vez mais exigido pela indústria da informação.

---

## Imagem e enquadramento

Como dispositivos de enquadramento, as imagens têm algo de imediatismo: são poderosas porque exigem, ao menos a princípio, menos esforço cognitivo, têm o poder de criar laços emocionais mais instantâneos e sólidos. A maioria dos veículos de comunicação, tanto os clássicos quanto os emergentes, trabalham com imagens, inclusive as exigindo enquanto critério de publicação, de modo que, sem uma fotografia, matérias, notícias, post, etc. têm grandes probabilidades de não serem publicados (ou de não terem destaque, como é o caso de jornais impressos).

O processo de enquadramento por imagens, no entanto, permanece pouco estudado. Como Houston, Childers e Heckler (1987) observaram, poucas pesquisas examinaram os efeitos dos elementos não verbais no processamento de informações por parte dos consumidores ou dos emissores de mensagens. Apesar do crescimento de trabalhos voltados para a análise de enquadramento de imagens, a teoria do enquadramento tem sido aplicada, sobretudo, em análises textuais. “A questão de como as imagens são enquadradas, sozinhas ou acompanhadas, permanece relativamente pouco pesquisada” (Rodriguez e Dimitrova, 2011 p.49)

Em uma análise de enquadramento de imagens sobre os ataques do grupo terrorista Boko Haram em jornais impressos nigerianos, Odoemelam, Ebeze e Okwudior (2015) chegaram à conclusão que o enquadramento predominante da cobertura foi o de interesse humano. Em um esforço semelhante, Borah e Bulla (2005) compararam, a partir das imagens de dois jornais indianos, a cobertura do tsunami no oceano pacífico e chegaram aos seguintes quadros centrais: um dos jornais analisados se concentrou no quadro da perda humana, enquanto que o outro se interessou mais pelos enquadramentos relativos à comoção e bravura dos sobreviventes.

Entman (1991), em um estudo clássico, usou de imagens e texto para comparar a cobertura de dois incidentes militares parecidos em duas revistas e um programa de notícias – o abate de um avião comercial da Korea Air Lines pelos soviéticos em 1983 e o abate de um avião também comercial da Iran Air por um navio militar americano em 1988. Entman concluiu que, apesar das similaridades dos dois eventos, o abate pelos soviéticos foi enquadrado como afronta moral enquanto que o enquadramento do abate feito pelos americanos foi de erro técnico.

Patriged (2005 *apud* Rodriguez e Dimitrova 2011) examinou a cobertura da Crise de Reféns da Escola de Beslan a partir do enquadramento das imagens em três

jornais de diferentes países (EUA, Rússia e Inglaterra). A pesquisadora encontrou seis enquadramentos dominantes: (1) como o cerco ocorreu; (2) as ações do governo em relação ao cerco; (3) táticas militares e ações; (4) repostas e ações dos civis; (5) histórico de ações terroristas por parte de nacionalistas chechenos; (6) responsáveis e culpados pelo cerco.

Ao estudar o papel das imagens em anúncios e propagandas, Mitchell (1986) defendeu que as imagens podem afetar a atitude dos receptores em relação à marca pelo menos de duas maneiras: (1) os consumidores são suscetíveis a fazer avaliações sobre a marca com base na informação visual apresentada, de modo que essas avaliações podem levar à formação ou à mudança de crenças sobre a marca anunciada; (2) a depender da avaliação do consumidor, determinados comportamentos ou atitudes podem ocorrer. Em uma notícia, assim como em anúncios, as imagens podem estimular determinados comportamentos e atitudes em relação ao jornal (Odoemelam, Ebeze e Okwudiogor, 2015).

Uma fotografia serve para chamar atenção, ilustrar declarações feitas na matéria, dar mais detalhes sobre a informação apresentada. Não raramente as imagens, como demonstraram Newhagen e Reeves (1992) podem ter um efeito dramático no envolvimento e sentimentos dos leitores em relação a um evento. Segundo os autores, as imagens podem fazer os leitores esquecerem as informações verbais, na medida em que, durante a cobertura, a lembrança das fotografias aumenta em detrimento do texto.

De acordo com Graber (1987), as imagens, ao despertar o interesse dos leitores, criam uma sensação de participação ou testemunho do evento. Ademais, no atinente ao enquadramento lembrado, embora Graber não trate nestes termos, há uma maior probabilidade de recuperação do que foi enquadrado pelas imagens do que pelo texto. Neste movimento, importa uma maior credibilidade da imagem frente ao texto, apesar de, em enquadramento, tudo dirigir ao enquadramento geral, com todos os elementos e dispositivos de um texto, sejam eles verbais e/ou visuais.

Rodriguez e Dimitrova (2011) propuseram quatro níveis de análise para o enquadramento de imagens: denotativo, semiótico-estilístico, conotativo e ideológico. O nível denotativo diz respeito ao levantamento de quem ou o quê está sendo retratado nas imagens, objetos e demais elementos na cena. “A tarefa do analista neste momento é responder quem e/ou o quê está sendo representado na imagem” (Rizzotto, Prudencio e Sampaio, 2017, p.10). No segundo nível, o semiótico-estilístico, o analista propõe-se e

examinar elementos estilísticos e técnicos das imagens, o que inclui também convenções de estilo das fotografias por partes dos fotógrafos e meios de comunicação. De acordo com Rodriguez e Dimitrova (2013), certas convenções dão significados às fotografias. Uma fotografia em plano fechado (*close-up*), por exemplo, revela um quadro de responsabilização, proximidade a quem ou àquilo que está sendo representado; um plano médio (*medium shot*) indica intimidade, enquanto que um plano aberto (*long shot*), em que se percebe um cenário, direciona o olhar para o contexto. Em relação aos dois últimos níveis, tanto o denotativo quanto o ideológico retratam “significados sociais inseridos nos símbolos e como as imagens são construídas de maneira a moldar a percepção da audiência” (Rizzotto, Prudencio e Sampaio, 2017: 08). Estes dois últimos níveis são difíceis de serem codificados porque possuem um caráter subjetivo, de modo que se torna interessante buscar analisar as imagens através dos dois primeiros níveis nas imagens, a saber: denotativo e semiótico-estilístico.

Neste sentido, formulamos nossa terceira e última questão de pesquisa:

**QP03:** Ao nível denotativo e semiótico-estilístico, como são enquadradas as imagens do impeachment no jornal Folha de São Paulo?

## Método

Nosso *corpus* foi criado a partir de buscas no Acervo Folha, com a palavra-chave “impeachment”, Editoria Poder, entre o período de 17 de março a 18 de abril de 2016, com o tema “política”. O período selecionado compreende o início da tramitação do processo de impeachment da então presidente Dilma Rousseff na Câmara dos Deputados e a aprovação por esta Casa do prosseguimento do processo do impeachment ao Senado, fechando o ciclo do processo de impeachment na Câmara.

Usaremos proposta metodológica de análise de imagem de Rodriguez e Dimitrova (2011), valendo-se de dois dos quatro níveis de análise propostos por essas autoras, a saber: o nível denotativo e estilístico. São dois níveis objetivos, que permitem análises mais precisas, enquanto que os outros dois níveis, ideológico e conotativo, são marcadamente subjetivos e não são passíveis de serem codificados, como discutimos na revisão de literatura.

As imagens foram classificadas com o software de análise Atlas.ti, que permite, dentre suas funcionalidades, análises de imagens. Foram criados códigos específicos, com memorandos identificando as categorias relativas aos enquadramentos de jogos,



aos personagens, aos ambientes recorrentes do processo de impeachment e às características técnicas das fotografias. Ao todo, foram codificadas 151 imagens, distribuídas em 97 matérias.

Posteriormente, os dados gerados foram armazenados em uma tabela CSV (*Comma-Separated Values*) e analisados a partir de um script da linguagem de programação python 3, com o uso das bibliotecas csv e pandas. Portanto, Coube ao script python, criado *ad hoc* para este trabalho, realizar concorrências, comparações e relações entre os dados. Nosso *corpus* se constituiu apenas de fotografias, excluindo-se gráficos, infográficos e similares. Usamos estatística descritiva na análise dos dados recolhidos.

Ao nível denotativo, respondeu-se o que ou quem estava sendo representado na imagem, de modo que foram criados códigos específicos para casos recorrentes nas imagens, como figuras proeminentes do processo de impeachment, como Dilma Rousseff, Michel Temer, Eduardo Cunha, entre outros; assim como cenários recorrentes, como parlamento, manifestações pró e contra impeachment, tanto por parte de manifestantes quanto por parte de parlamentares. No nível estilístico, buscou-se identificar elementos estilísticos das fotografias, como ângulo, plano e foco.

Por meio destes dois níveis de análise, e a partir das características dos enquadramentos de jogos propostas por Cappella e Jamienson (1997), categorias foram adaptadas para os objetivos deste estudo. Uma imagem foi codificada como um quadro de jogo quando a imagem se encaixava em um dos seguintes “estados competitivos”: (1) políticos ou eleitores comemorando ou maldizendo resultados; (2) embates físicos ou discussão entre eleitores ou políticos, (3) eleitores como expectadores (acompanhando resultados pela televisão, telões e similares) e (4) fotografias de resultados de votações, votos, pesquisas em painéis, cartazes, ou qualquer outro meio, com as respectivas posições ou performances de candidatos<sup>3</sup>.

## Resultados

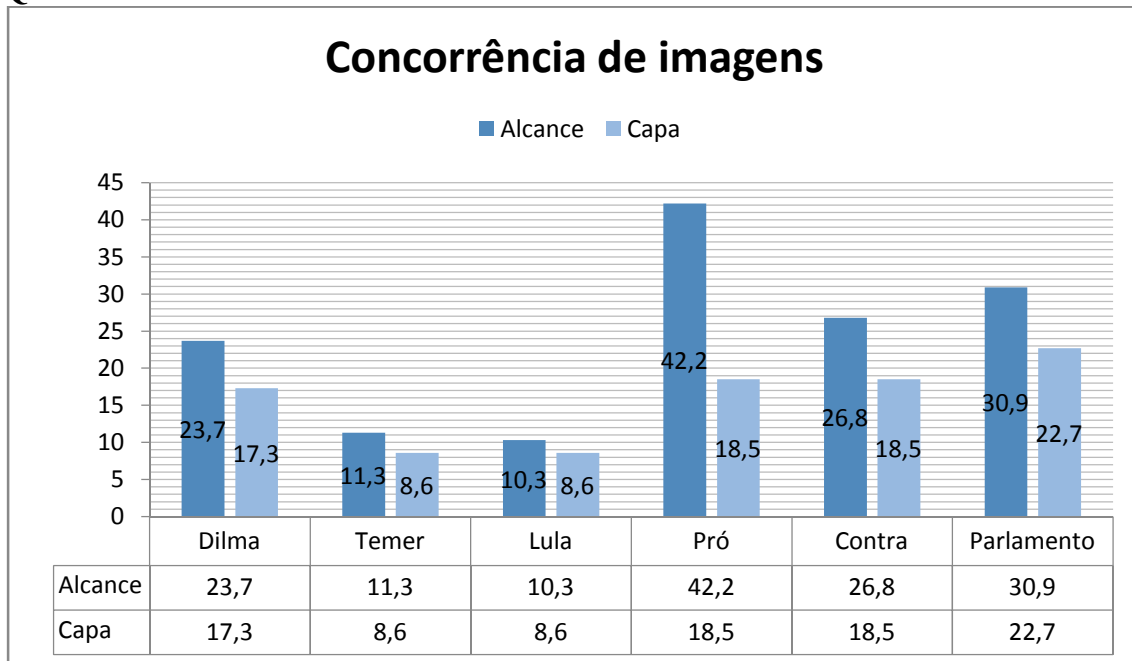
Nossa primeira questão de pesquisa perguntou como as imagens da cobertura do jornal Folha de São Paulo foram enquadradas. Na mesma ocasião, a terceira questão de pesquisa voltou-se para o nível denotativo das imagens. Como mostra o quadro 1, as

---

<sup>3</sup> Como Capella e Jamielson (1997) formularam, a atenção dada a pesquisas de opiniões e à colocação dos candidatos políticos nelas são uma das principais características do enquadramento de jogos. Por outro lado, no traslado à imagem, e para prevenção de incoerências metodológicas, este trabalho não levou em conta gráficos e infográficos.

fotografias deram espaço a figuras importantes do processo de impeachment (Dilma 23,7%, Temer 11,3%, Cunha 4,1%, Lula 10,3%), ao mesmo tempo que recorreu a cenários centrais do evento, como o próprio parlamento (30,9%) e os desdobramentos na ruas, em formas de protestos, tanto pró quanto contra impeachment, com uma maior incidência de manifestações pró-impeachment 42,2%, ao passo que manifestações contra computaram 26,8%.

#### QUADRO 1.



Fonte: autoria própria

Nas capas, proporcionalmente, mantiveram-se as mesmas regularidades percentuais das matérias, exceto para a cobertura das manifestações, em que não houve disparidade nos enquadramentos de imagens, ao nível denotativo, entre manifestações pró 18,5% e contra 18,5%. Fotografias de Eduardo Cunha não foram enquadradas na capa do Folha de São Paulo dentro do período analisado, de modo que se restringiram às matérias.

Ainda na terceira questão de pesquisa, agora ao nível semiótico-estilístico, identificou-se que os enquadramentos das imagens foram, em geral, em plano aberto 69%, o que indica uma atenção ao contexto de disputa política, enquanto plano voltado à ambientação. No entanto, quando os personagens eram Dilma ou Temer, houve incidência significativa de planos médios como ângulos de interpretação, 39,1 % e 77,7% respectivamente, revelando certa relação pessoal com estes dois personagens centrais do processo de impeachment. Por outro lado, planos fechados (*close-up*) foram

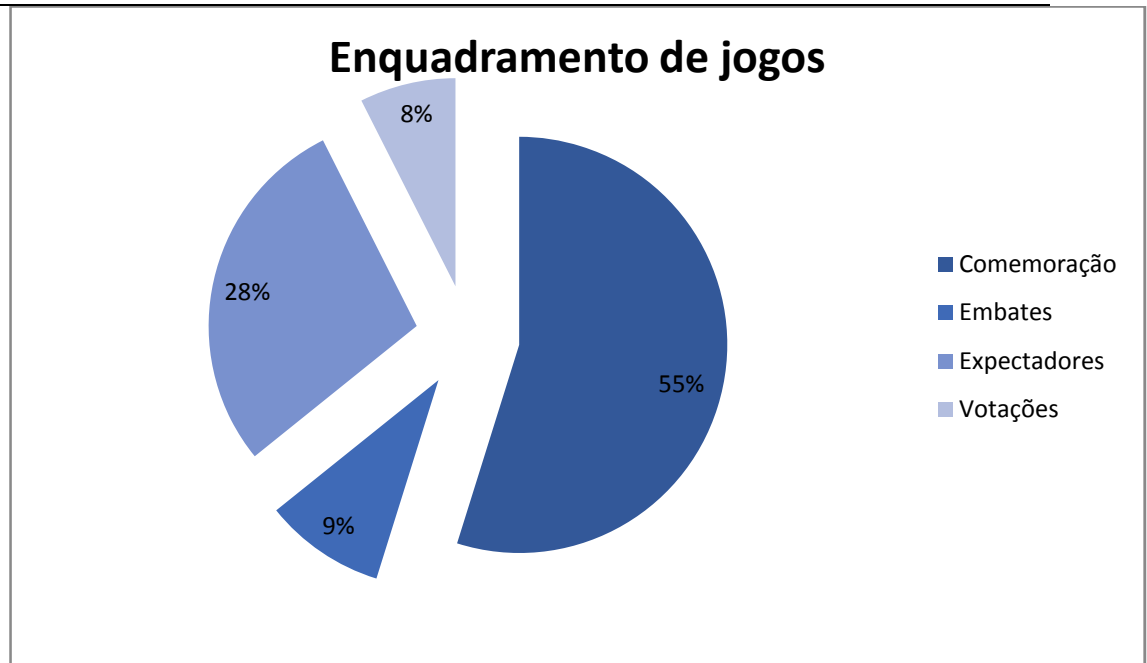
raros, exceto quando o personagem retratado era o então Presidente da Câmara, Eduardo Cunha. Contrariando o padrão estilístico das fotografias, Cunha foi o único personagem com um índice significativo de ângulo em *close-up* 50%, o que, de acordo com alguns autores, indica responsabilização e proximidade.



Figura 02, 03 e 04 – Quadros de jogos

Em resposta à segunda questão de pesquisa, que perguntou se as imagens do impeachment em Folha de São Paulo eram enquadradas enquanto jogo, encontrou-se que 72,1% das imagens foram enquadradas como jogos, enquanto que 27,9% das imagens não se enquadraram nas categorias estabelecidas neste trabalho. Em compasso com estudos que comprovaram que coberturas políticas, em termos de ângulos de interpretação, enquadravam eventos e atores políticos a partir da dinâmica de jogos, os resultados revelam que o enquadramento de imagens predominante desta fase do processo de impeachment da então presidente Dilma Rousseff foi o de jogos.

## QUADRO 2. Enquadramento de jogos.



Fonte: autoria própria

Como mostra o quadro 2, ao se utilizar as categorias criadas para identificar enquadramento de jogos, os resultados foram que as imagens, dentro do universo quantitativo dos enquadramentos de jogos, se distribuíram entre políticos ou eleitores comemorando resultados 55%, eleitores ou partidários como expectadores 28%, embates entre partidários e políticos 9% e imagens de resultados de votações e performances de candidatos 8%. Apesar do nosso desenho metodológico, que não considerou gráficos e infográficos, identificou-se alta incidência destes elementos na cobertura do impeachment nesta fase do processo.<sup>4</sup>

### Considerações finais

Os resultados deste trabalho mostraram que o principal enquadramento de imagens do processo de impeachment da então presidente Dilma Rousseff, no período de tramitação na Câmara dos Deputados, foi o enquadramento de jogos. Por meio das imagens, foram identificados enquadramentos que retratavam o impeachment como simples embate entre partidos políticos, em termos de ganhadores e perdedores. Os enquadramentos de jogos foram distribuídos dentro de quatro categorias: 1) políticos ou eleitores comemorando resultados 55%, 2) eleitores ou partidários como expectadores

<sup>4</sup> Embora não codificada neste trabalho, uma parcela relativamente significativa das imagens na cobertura do processo de impeachment foi composta de gráficos e infográficos (27,4%), o que indica também a presença dos enquadramentos de jogos. Como pontuam alguns autores, imagens de resultados, com as respectivas posições de partidos ou atores políticos, são também características dos enquadramentos de jogos.

28%, 3) embates entre partidários e políticos 9% e 4) imagens de resultados de votações e performances de candidatos 8%.

As imagens foram enquadradas, predominantemente, em plano aberto, o que indica uma opção ao contexto à custa de outros caminhos interpretativos. Em relação aos personagens, apenas Eduardo Cunha obteve índices significativos de imagens em *close-up*, o que evidencia uma responsabilização deste personagem. No que diz respeito a Dilma, Temer e Lula, as imagens adotaram enquadramentos estilísticos ao plano médio e aberto, indicativo de relação pessoal, foco no personagem enquanto figura aglutinadora de interesse, e plano aberto, atinente ao contexto em que os personagens se localizam, respectivamente.

O enquadramento de jogos, como muitos pesquisadores identificaram (Jackson, 2011; Lawrence, 2000), podem levar ao cinismo e a descrença em partidos e atores políticos ao usarem de ângulos de interpretação limitados a embates e intrigas políticas, sem levar em conta o cerne das questões políticas. Como se percebeu em relação ao impeachment, o evento político mais importante do país nos últimos anos, no atinente às imagens, o processo se resumiu a um embate entre partidos políticos. Ao considerar aspectos textuais, outros pesquisadores chegaram à mesma conclusão (Rizzotto, Prudencio e Sampaio, 2017).

Como Dimitrova e Kostadinova (2013) mostraram, os enquadramentos de jogos são mais suscetíveis de surgirem em determinados sistemas políticos e de mídia, cujas características podem ou não fomentar os enquadramentos de jogos. Ao que tudo indica, o perfil do sistema político brasileiro mostra-se como um móbil motivador dos enquadramentos de jogos, ao mesmo tempo em que o sistema de mídia – em nosso caso particular, o jornal Folha de São Paulo - também propicia o mesmo cenário. O contexto de polarização política nas ruas, à época do processo de impeachment, cujas reverberações permanecem ainda hoje, podem ter contribuído também na construção dos quadros de jogos.

A pergunta que surge desta discussão é: dentro das possibilidades das imagens, das características do sistema político brasileiro e formato das empresas de informação, seria possível outro tipo de abordagem? Como foi tratado neste trabalho, o enquadramento, tanto textual quanto imagético, é uma escolha de um ângulo interpretativo para determinado evento. Deste modo, outros ângulos interpretativos são, naturalmente, possíveis. Ao seu turno, os enquadramentos de jogos não surgem apenas

do sistema político, tampouco simplesmente da mídia, mas da relação entre esses dois sistemas centrais às democracias modernas.

Pesquisas futuras terão de examinar, com maior profundidade, o papel das imagens no enquadramento, bem como a relação de enquadramento de jogos e imagens. Como matéria ainda pouco estudada, se comparada com a abordagem clássica da teoria do enquadramento, o maior desafio do enquadramento de imagens é oferecer aos trabalhos que virão ferramentas metodológicas consistentes e sólidas, que permitam a construção de um arcabouço teórico-metodológico funcional. Sem nenhuma pretensão de exaurir a temática, tampouco de esmiuçá-la em sua totalidade, este artigo buscou avançar mais neste campo pouco explorado, com grandes potencialidades teóricas e metodológicas à teoria do enquadramento.

### Referências

- BORAH, P. & BULLA, D. **The visual coverage of the Indian ocean Tsunami and Hurricane Katrina: A comparison of newspaper coverage in three countries.** Paper presented at the annual convention of the Association for Education in Journalism and mass communication, San Antonio, TX, 2005
- CAPPELLA, J. N.; JAMIENSON, K. H. **Spiral of of Cynicism: the press and the public good.** New York: Oxford University Press, 1997.
- CHONG, D.; DRUCKMAN, J. N. A theory of framing and opinion formation in competitive elite environments. **Journal of Communication**, v. 57, n. 1, p. 99–118, 2007.
- COPE, J. *et al.* Image Impact in Print Media: A Study of How Pictures Influence News Consumers. **Impact of News Images**, p. 40, 2005.
- DIMITROVA, D. V.; KOSTADINOVA, P. Identifying Antecedents of the Strategic Game Frame: A Longitudinal Analysis. **Journalism & Mass Communication Quarterly**, v. 90, n. 1, p. 75–88, 2013.
- DRUCKMAN, J. N. Evaluating framing effects. **Journal of Economic Psychology**, v. 22, n. 1, p. 91–101, 2001a.
- \_\_\_\_\_. The implications of framing effects for citizen competence. **Political Behavior**, v. 23, n. 3, p. 225–256, 2001b.
- ENTMAN, R. M. Symposium Framing U.S. Coverage of International News: Contrasts in Narratives of the KAL and Iran Air Incidents. **Journal of Communication**, v. 41, n. 4, p. 6–27, 1991.
- \_\_\_\_\_. Framing: Toward Clarification of A Fractured Paradigm. **Journal of Communication**, v. 43, n. January, p. 51–58, 1993.
- GAMSON, W. A *et al.* Media Images and the Social. **Review Literature And Arts Of The Americas**, v. 18, n. 1992, p. 373–393, 1992.
- GAMSON, W. A.; MODIGLIANI, A. Media Discourse and Public Opinion on Nuclear Power: A Constructionist Approach. **American Journal of Sociology**, v. 95, n. 1, p. 1–37, 1989.
- GOFFMAN, E. **Frame Analysis: an essay on the organization of experience.** New York: Harper & Row, 1974.
- GRABER, D. A. Say It with Pictures. **Hispanic Journal of Behavioral Sciences**, v. 9,

- n. 2, p. 183–205, 1987.
- ILAN, J. News and the word-image problematic: A (key)word on international news pictures' production. **Journalism: Theory, Practice & Criticism**, v. 18, n. 8, p. 977–993, 2017.
- IYENGAR, S.; NORPOTH, H.; HAHN, K. S. Consumer Demand for Election News: The Horserace Sells. **the Journal of Politics**, v. 66, n. 1, p. 157–175, 2015.
- JACKSON, D. Strategic Media, Cynical Public? Examining the Contingent Effects of Strategic News Frames on Political Cynicism in the United Kingdom. **International Journal of Press/Politics**, v. 16, n. 1, p. 75–101, 2011.
- LAWRENCE, R. G. Game-Framing the Issues: Tracking the Strategy Frame in Public Policy News. **Political Communication**, v. 17, n. 2, p. 93–114, 2000.
- MITCHELL, A. A. The Effect of Verbal and Visual Components of Advertisements on Brand Attitudes and Attitude Toward the Advertisement. **Journal of Consumer Research**, v. 13, n. 1, p. 12, 1986.
- ODOEMELAM, C.; EBEZE, U.; OKWUDIOGOR, D. Visual News Patterns and the Boko Haram Insurgency in Nigerian Newspapers. v. 44, n. 2011, p. 31–39, 2015.
- PAN, Z.; KOSICKI, G. Framing analysis: An approach to news discourse. **Political Communication**, v. 10, n. 1, p. 55–75, 1993.
- PEDERSEN, R. T. The game frame and political efficacy: Beyond the spiral of cynicism. **European Journal of Communication**, v. 27, n. 3, p. 225–240, 2012.
- PENG, Z. Framing the Anti-War Protests in the Global Village: A Comparative Study of Newspaper Coverage in Three Countries. **International Communication Gazette**, v. 70, n. 5, p. 361–377, 2008.
- POWELL, T. E. *et al.* A Clearer Picture: The Contribution of Visuals and Text to Framing Effects. **Journal of Communication**, v. 65, n. 6, p. 997–1017, 2015.
- RIZZOTTO, C. C.; PRUDENCIO, K.; SAMPAIO, R. C. TUDO NORMAL : a pauta antipolítica no enquadramento multimodal da cobertura do impeachment de Dilma. 2017.
- RODRIGUEZ, L.; DIMITROVA, D. V. The levels of visual framing. **Journal of Visual Literacy**, v. 30, n. 1, p. 48–65, 2011.
- SCHEUFELE, D. A. Framing as a theory of media effects. **Journal of Communication**, v. 49, n. 1, p. 103–122, 1999.
- SCHMUCK, D. *et al.* Antecedents of strategic game framing in political news coverage. **Journalism: Theory, Practice & Criticism**, v. 18, n. 8, p. 937–955, 2017.
- SHEHATA, A. Game frames, issue frames, and mobilization: Disentangling the effects of frame exposure and motivated news attention on political cynicism and engagement. **International Journal of Public Opinion Research**, v. 26, n. 2, p. 157–177, 2014.
- STRAUSS, A.; CORBIN, J. **Pesquisa qualitativa**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2008.
- TEWKSBURY, D. *et al.* The Interaction of News and Advocate Frames: Manipulating Audience Perceptions of a Local Public Policy Issue. **Journalism & Mass Communication Quarterly**, v. 77, n. 4, p. 804–829, 2000.
- VREESE, C. H. DE. The Effects of Strategic News on Political Cynicism, Issue Evaluations, and Policy Support: A Two-Wave Experiment. **Mass Communication & Society**, v. 7, n. 2, p. 157–175, 2004.
- ZHOU, Y.; MOY, P. Parsing framing processes: The interplay between online public opinion and media coverage. **Journal of Communication**, v. 57, n. 1, p. 79–98, 2007.